

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC  
CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA**

**GABRIELA ADRIANO LUCIANO**

**COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ VAI AO MUSEU?  
REFLEXÕES SOBRE ESPAÇO MUSEAL E O ENSINO DA ARTE NA  
CIDADE DE IÇARA/SC.**

**CRICIÚMA  
2012**

**GABRIELA ADRIANO LUCIANO**

**COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ VAI AO MUSEU?  
REFLEXÕES SOBRE ESPAÇO MUSEAL E O ENSINO DA ARTE NA  
CIDADE DE IÇARA/SC.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Mndo. Marcelo Feldhaus

**CRICIÚMA**

**2012**

**GABRIELA ADRIANO LUCIANO**

**COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ VAI AO MUSEU?  
REFLEXÕES SOBRE ESPAÇO MUSEAL E O ENSINO DA ARTE NA  
CIDADE DE IÇARA/SC.**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em educação e arte.

Criciúma, 26 de novembro de 2012.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Marcelo Feldhaus - Mestrando - (UNESC) - Orientador

Prof<sup>a</sup>. Edite Volpato Fernandes - Mestre - (UNESC)

Prof<sup>a</sup>. Amalhene Baesso Reddig – Mestre - (UNESC)

Ao Espírito Santo de Deus que com sua graça, bondade e misericórdia, todos os dias, me inspirou e me auxiliou em todos os momentos, seja através das pessoas que colocou em meu caminho, seja através de sua suave voz que me encorajou e me guiou em todo tempo!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que durante toda a caminhada acadêmica injetou ânimo, persistência, inspiração e sonhos que me levaram a alcançar o alvo.

A meu pai, Valmor José Luciano, agradeço pelas orações, pelos conselhos, pelo exemplo de responsabilidade e coragem e por não medir esforços para me abençoar. A minha mãe, Verônica José Adriano Luciano, por doar-se incondicionalmente para me ver feliz, pelas suas infinitas manifestações de amor e paciência e por ser meu eterno exemplo de mulher virtuosa. A minha irmã, Gisele Adriano Luciano, pela alegria sempre presente em seu rosto. Ao meu futuro esposo, André Antonio Fernandes, agradeço imensamente por ser o refúgio, o amigo, o amor, a compreensão e o incentivo que eu sempre precisei.

As amigas Ana Lúcia, Neca, Amanda, Aislana, Isaura, Pauline, Kamilla, Débora e Cátia agradeço por tornarem a minha caminhada acadêmica menos árdua e muito mais divertida. A todos os demais colegas e professores que durante a caminhada deixaram um pouco de si e levaram um pouco de mim agradeço pela oportunidade de praticar a alteridade.

Aos mestres Marcelo, Amalhene (Lenita) e Edite agradeço primeiramente por despertarem em mim o gosto pela cultura, museus e a arte, por ensinar, pelo exemplo e por sempre buscarem em seus alunos o melhor que eles podem oferecer. Essa pesquisa nasceu pelas sementes que vocês lançaram, por isso agradeço pelas contribuições.

Agradeço também a querida Maria Isabel Leite, que apesar de não ter contato ou vínculo pessoal, contribuiu ricamente para essa pesquisa através de sua escrita gostosa e verdadeira.

A minha eterna professora de arte Lilian Philipi, meu primeiro exemplo, agradeço por ter me estimulado a ingressar no curso de Artes Visuais - Licenciatura, quando sua aluna do ensino fundamental e por hoje, como coordenadora de Artes da Secretaria de Educação, Ciência e Tecnologia da cidade de Içara/SC, contribuir com essa pesquisa através da indicação dos professores que responderam aos questionários.

Gratidão a todos que fizeram e fazem parte da minha história, todos estarão sempre no meu museu de relíquias e memórias!

**“Diferentemente dos que não gostam ou simplesmente não se encantam com os museus, e que os vêem como resíduos do passado, eu gosto dos museus. De todo e qualquer museu. E tenho especial apreço por aqueles que têm cheiro de vida e querem, por decisão de quem os alimenta, inundar a vida de mais vida; gosto dos museus que seguem se fazendo e se refazendo.”**

**MOREIRA, 2007**

## RESUMO

Este trabalho apresenta como problemática: os professores de arte do município de Içara/SC reconhecem os museus como instituições culturais que contribuem na formação cultural e na aprendizagem do aluno? Com o objetivo geral de compreender os mecanismos que dificultam ou promovem as visitas de professores e escolas aos espaços museais da região, busco assim, entender as – prováveis - dificuldades enfrentadas pelos professores, enfatizando a importância da visita. Para isso, a pesquisa fundamenta-se nos conceitos de cultura e arte, definindo os espaços formais de educação, dialogando sobre os museus como fontes de conhecimento artístico. Retomo a história e as tipologias, enfatizando os museus de arte; evidenciando-os como possibilidade de ampliação do repertório cultural e apreciação estética. Os principais autores utilizados são: SANTOS (1994), LARAIA (2000), ARANHA (1993), IAVELBERG (2003), MARTINS, PICOSQUE E GUERRA (1998), BRASIL (1997), REDDIG (2007), LEITE (2006), BRASIL (2007), REDDIG (2007), MARANDINO (2001), ARGOLO (2005), LEITE; OSTETTO (2005), ALMEIDA (1997), ROJAS (1979), JULIÃO (2006), NASCIMENTO JR E CHAGAS (2006), LEITE (2006), FELDHAUS (2004), ALMEIDA (1997), LEITE (2008), COLI (2002) e PAVEI (2011). A pesquisa é de natureza básica e abordagem qualitativa e envolve, por meio de questionários coletados através da pesquisa de campo, oito professores de arte da rede municipal de ensino de Içara/SC. Os resultados obtidos apontam que as visitas aos espaços museais ocorrem com menos frequência do que os professores gostariam e/ou poderiam e desperta para uma formação cultural contínua e permanente. Assim, a presente pesquisa contribui com a ampliação do olhar de professores quanto às possibilidades e ganhos que a visita aos museus pode trazer aos seus visitantes para que por meio disso possamos pensar maneiras de estreitar os laços entre museu e escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** arte – museu – cultura – educação – apreciação estética.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – O interior da antiga biblioteca de Alexandria.....	22
Figura 02 - A primeira ilustração de um gabinete de curiosidades, publicada por Ferrante Imperato em Dell'Historia Naturale, Nápoles, 1599 .....	22
Figura 03 - Museu Casa da Cultura Padre Bernardo Junkes .....	28
Figura 04 - Museu do Ferroviário Anselmo Cargin .....	29
Figura 05 – Museu Sacro Capela de Santo Antônio .....	30
Figura 06 – Museu Arqueológico Igreja Nossa Senhora dos Navegantes .....	35
Figura 07 – Museu Histórico Geográfico Augusto Casagrande.....	36
Figura 08 – Casa do Agente Ferroviário Mário Ghisi .....	37
Figura 09 – Galeria de Arte Contemporânea Fundação Cultural de Criciúma .....	37
Figura 10 – Galeria de Arte Octávia Gaidzinski.....	38
Figura 11 - Museu da Infância – MUESC - UNESCO .....	38
Figura 12 - Museu de Zoologia Prof <sup>a</sup> Morgana Cirimbelli Gaidzinski – MUESC - UNESCO.....	39
Figura 13 – Espaço Cultural Unesc “Toque de Arte” .....	39

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AMREC	Associação dos Municípios da Região Carbonífera
MUESC	Museu Universitário do Extremo Sul Catarinense
PCN	Proposta Curricular Nacional
PMI	Prefeitura Municipal de Içara
SC	Santa Catarina
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
1.1 METODOLOGIA DE PESQUISA .....	11
<b>2. CULTURA E ARTE .....</b>	<b>14</b>
<b>3. A ARTE E OS ESPAÇOS FORMAIS DE EDUCAÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>4. OS MUSEUS COMO FONTE DE CONHECIMENTO ARTÍSTICO .....</b>	<b>20</b>
4.1 MUSEUS: HISTÓRIA E TIPOLOGIAS .....	21
<b>4.1.1 Museus de arte .....</b>	<b>23</b>
4.2 MUSEUS, REPERTÓRIO CULTURAL E APRECIÇÃO ESTÉTICA .....	25
<b>5. TRATAMENTO DOS DADOS: REFLEXÕES EM CURSO.....</b>	<b>31</b>
5.1 PROPOSTA DE CURSO.....	42
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>48</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>50</b>
APÊNDICE A – Questionário: .....	51

## 1. INTRODUÇÃO

Desde setembro de 2010 quando iniciei meus trabalhos como funcionária no Setor Arte e Cultura da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC estreitei meus vínculos com a área museológica.

Dentre as várias atividades realizadas pelo setor, está a organização de exposições de arte, envolvendo todo o processo de realização, desde o lançamento do edital para seleção dos artistas expositores, avaliação dos projetos recebidos, agendamento das datas das exposições, contato com o artista, o planejamento expográfico, a divulgação, a hospedagem e recepção do artista na Universidade, a montagem da exposição, a abertura, o agendamento para visitas mediadas, as mediações, a desmontagem, os relatórios, entre outros procedimentos.

Todas essas etapas são realizadas de maneira criteriosa a fim de proporcionar aos visitantes uma experiência estética significativa. Espera-se muito desse visitante, ao qual todo o trabalho é dedicado, afinal, um dos pilares da universidade é essa extensão comunitária<sup>1</sup>. Entretanto, uma das maiores dificuldades encontradas é justamente a visitação e em especial a visitação por parte das instituições de ensino.

Essas experiências motivaram esse projeto de pesquisa e suscitaram alguns curiosos questionamentos que nortearam minha escrita. Afinal, com que frequência os professores visitam os museus e espaços culturais de sua região?

Partindo da cidade onde moro e me relaciono, busco especificamente compreender, com qual periodicidade os professores de arte da cidade de Içara visitam os museus da região? Quais as maiores dificuldades enfrentadas pelo professor de arte ao propor uma visita ao museu?

Além disso, a pesquisa, aqui proposta, também tem a intenção de perceber de onde vem a motivação do professor ao levar seus alunos ao museu e também o que a visita ao espaço expositivo pode contribuir para a formação desse sujeito visitante?

Nesse sentido, entendendo o ensino da arte como produtor do conhecimento sensível e como grande canal de acesso ao patrimônio visual e

---

<sup>1</sup> A extensão é o meio que possibilita a inserção social, constituindo-se fator de integração entre o ensino e a pesquisa, garantindo o intercâmbio de conhecimento entre a Universidade e a sociedade. Disponível em: [http://www.unesc.net/portal/resources/71/arquivos/politicas\\_de\\_extensao.pdf](http://www.unesc.net/portal/resources/71/arquivos/politicas_de_extensao.pdf).

cultural, o maior objetivo da pesquisa proposta é compreender se os professores de arte da rede municipal de ensino de Içara reconhecem os museus como instituições culturais que contribuem na formação cultural e na aprendizagem do aluno. Busco compreender as – prováveis - dificuldades enfrentadas pelos professores, enfatizando a importância da visita. Pretendo com essa pesquisa contribuir com a ampliação do olhar de professores quanto às possibilidades e ganhos que a visita aos museus pode trazer aos seus visitantes e se espera, também, que a pesquisa venha contribuir com as instituições culturais, no sentido de oferecer o acesso aos anseios e as dificuldades dos professores e a realidade vivenciada por eles, para que por meio disso possamos pensar maneiras de estreitar os laços entre museu e escola. Nesse movimento, busco legitimar os processos e questionamentos lançados delineando o método de pesquisa:

### 1.1 METODOLOGIA DE PESQUISA

Pesquisar é científico, mas não é nada mais do que desejar conhecer e aprender mais sobre o outro e sobre o mundo. A arte, diferente das demais áreas do conhecimento, é uma forma de conhecimento de mundo que nos capacita a um entendimento mais complexo, sensível e profundo das coisas. Pesquisa em arte é aliar a arte e ciência no conhecimento. Para Zamboni (2006, p. 23) “a arte e a ciência, como faces do conhecimento, ajustam-se e complementam-se perante o desejo de obter entendimento profundo”.

A realização de uma pesquisa exige do pesquisador, segundo Santaella (2001, p.189),

Amor pelas minúcias e capacidade de olhar de frente para as dúvidas, sem subterfúgios, sem esquivas. Saber lidar com elas, atendê-las com atenção e energia, conscientes de que isso significa interromper o fluxo de nossas certezas e partir para as fontes que nos vêm do discurso do outro.

Nesse movimento de curiosidades e descobertas problematizo: os professores de arte do município de Içara reconhecem os museus como instituições culturais que contribuem na formação cultural e na aprendizagem do aluno? Essa é a problemática que motiva essa pesquisa que está pautada na linha de Educação e Arte do Curso de Artes Visuais Licenciatura.

Apresenta como título: “Com que frequência você vai ao museu? reflexões sobre espaço museal e o ensino da arte na cidade de Içara/SC” com o objetivo geral de compreender os mecanismos que dificultam ou promovem as visitas de professores e escolas aos espaços museais da região. Como objetivos específicos destaco: realizar levantamento bibliográfico sobre o ensino da arte e o espaço educativo dos museus; identificar por meio da pesquisa de campo porque os professores de arte visitam pouco os museus; relacionar os dados da pesquisa de campo com a fundamentação teórica e analisar quais dificuldades e contribuições a visita ao espaço museal traz ao ensino da arte.

A pesquisa classifica-se como natureza básica e de abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2004, p.22) “a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”. Dessa forma, a coleta de dados foi realizada através de pesquisa de campo, que segundo Minayo (2004, p.53) “é um recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação”. Esse recorte foi feito por meio de questionário, com questões abertas, aplicado com 08 professores de arte da rede municipal de ensino da cidade de Içara, durante o segundo semestre de 2012, indicados pela Secretaria de Educação, Ciência e Tecnologia do município.

A investigação qualitativa emprega diferentes alegações de conhecimento, estratégias de investigação e métodos de coleta e análise de dados [...]. Os procedimentos qualitativos se baseiam em dados e usam estratégias diversas de investigação. (CRESWELL, 2007, p.184)

A partir do levantamento bibliográfico, da pesquisa de campo e da análise de todos os dados, faço uma proposta de curso de formação continuada para os professores de arte da cidade de Içara visando oferecer aos arte-educadores as inúmeras contribuições que a vivência museológica pode proporcionar ao ensino da arte.

Dessa maneira, visando contemplar a proposição acima, o embasamento teórico do presente trabalho de conclusão de curso, está sendo estruturado em capítulos que respectivamente irão abordar as concepções de cultura e arte partindo do embasamento nos seguintes autores: SANTOS (1994), LARAIA (2000), ARANHA

(1993) e IAVELBERG (2003).

O capítulo seguinte aborda a importância do ensino da arte nos espaços formais de educação, enfatizando uma educação voltada, também para a estética, a ampliação de repertório imagético, artístico e cultural e a formação de cidadãos com um olhar sensível. Para isso, cito MARTINS, PICOSQUE E GUERRA (1998), BRASIL (1997), REDDIG (2007) e LEITE (2006).

A seguir, falo dos museus como fonte de conhecimento artístico, contemplando uma discussão sobre os aprendizados que os museus podem proporcionar em um comparativo com a educação escolar, embasado em BRASIL (2007), REDDIG (2007), MARANDINO (2001), ARGOLO (2005) e LEITE; OSTETTO (2005). Em um sub-capítulo venho conceituar os museus trazendo um breve histórico e discussão sobre as suas tipologias apoiado nas concepções de ALMEIDA (1997), ROJAS (1979), JULIÃO (2006) e NASCIMENTO JR E CHAGAS (2006). Em seguida, enfatizo a tipologia dos museus de arte, fundamentada em LEITE (2006) e FELDHAUS (2004). Falo, brevemente, especificamente dos museus da cidade de Içara/SC baseado em PAVEI (2011).

O último capítulo da fundamentação dessa pesquisa vem destacar os museus como fonte de repertório cultural e apreciação estética, discutindo sobre os museus como espaços de lazer, entretenimento e cultura. Conforme o pensamento de LEITE ; OSTETTO (2005), ALMEIDA (1997), LEITE (2008) e COLI (2002).

Fundamentada nesses autores, a seguir, apresento a análise dos dados coletados, trazendo também uma proposta para a realidade diagnosticada e por fim, as minhas considerações finais acerca do assunto.

## 2. CULTURA E ARTE

A arte faz parte da cultura de um povo e a cultura reflete essa produção através de crenças, costumes, símbolos e signos. Podemos dizer que a arte e a cultura são indissociáveis.

Cultura, para Santos (1994, p.22) é “tudo que caracteriza uma população humana”. Dessa forma, falar de cultura é falar do ser, dos seus costumes, de seu vocabulário, alimentos, vestimentas, entre tantas outras práticas. Todas essas práticas são experiências culturais que vivemos e construímos durante a vida e que perpassam de geração em geração influenciando o nosso contato com o mundo que nos cerca. Ou seja, cultura é um processo constituído no sujeito a partir de suas vivências e aprendizados; é a capacidade do homem de construir sua própria história.

Além disso, cultura é também: “o conjunto de símbolos elaborados, por um povo em determinado tempo e lugar”. (ARANHA, 1993, p. 05). Portanto, tudo a nossa volta é mediado e/ou produzido pela cultura.

Já, segundo Hall (1986 apud SILVA, 1995, p.15) “[...] cultura significa o terreno real, sólido, das práticas, representações, línguas e costumes de qualquer sociedade histórica específica”, bem como “as formas contraditórias de “senso – comum” que se enraizaram na vida popular e ajudaram a moldá-la”.

Pensando nisso, como disse acima, acredito que a arte e a cultura são indissociáveis, justamente porque a arte é influenciada pela cultura dos povos em determinado tempo e lugar, mas por outro lado, a arte também é registro e expressão dessas culturas. Dessa maneira, lê-se a cultura através da arte.

Por isso, concordo com Leite (2005, p. 23) ao afirmar que

o acesso aos bens culturais é o meio de sensibilização pessoal que possibilita, ao sujeito, apropriar-se de múltiplas linguagens, tornando-o mais aberto para a relação com o outro, favorecendo a percepção de identidade e de alteridade.

A arte é um desses meios em que podemos compreender o mundo das culturas e o nosso eu particular. Esse jogo da alteridade, onde eu me vejo no outro, aprendo com ele e visse e versa é possível nas relações físicas, mas também em nossas relações com o mundo por meio da arte. Afinal, através da arte comunica-se diversos temas, tempos, lugares, costumes e pensamentos.

Nesse sentido, é possível perceber que a arte é, também, um modo de registro (e legado) das diferentes culturas no tempo/espaço em que estão localizados.

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiências adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. (LARAIA, 2000, p.45)

Arte pode comunicar como também questionar, criticar, polemizar ou promover determinado período, assunto ou cultura. Cabe aos sujeitos interpretar a cultura e arte e apropriar-se delas como possibilidades de construção de conhecimento estético, poético, histórico e porque não: de vida.

A arte é patrimônio cultural da humanidade justamente porque tem data e procedência e mesmo assim ultrapassa o tempo. Ela traz consigo signos implícitos que desvelam a cultura de quem os fez. Conhecendo a arte de outras culturas pode-se compreender os modos de agir, de pensar e de falar que estão enraizados nos povos e assim criar um espírito de valorização das culturas regionais interligadas a uma diversidade de repertórios cultural. Possibilita também a ampliação do olhar em relação ao que esta no entorno, e isso é, para mim, influenciar positivamente na formação cultural.

A formação cultural é tão importante quanto à artística, aliás, as duas formações são necessárias e quase que inseparáveis para o repertório estético de cada sujeito.

A formação cultural é imprescindível, porque a aprendizagem ocorre a partir da assimilação ativa do aprendiz sobre os objetos de conhecimento, cuja fonte principal é a produção sócio - histórica de conhecimento nas distintas culturas, ou seja, na produção cultural contemporânea e histórica nos âmbitos regional, nacional e internacional. (IAVELBERG, 2003, p. 55)

Dessa forma, percebe-se a necessidade de conhecer as culturas e histórias embutidas na sociedade em que estamos inseridos e assim conhecer as culturas presentes ao nosso redor e como elas são capazes de influenciar nossas atitudes, entendendo que não existe apenas uma maneira de enxergar o mundo. A partir daí, é possível valorizar os aspectos culturais positivos objetivando que a cultura que

será vivenciada pelas próximas gerações sejam capazes de transformar, nem que seja aos poucos, o mundo em que vivemos.

Refiro-me também a transformar cotidianamente a cultura, de desconstruir certas atitudes cotidianas, de mudar as coisas de lugar, de buscar olhar e querer coisas novas. De aprender e reaprender todos os dias. Afinal, o homem deixa suas marcas sempre que, mediado pela cultura, se relaciona, significa, faz e expressa algo a sociedade através da linguagem oral, corporal, escrita ou artística.

### 3. A ARTE E OS ESPAÇOS FORMAIS DE EDUCAÇÃO

Ensinar arte é proporcionar o desenvolvimento da percepção estética, da sensibilidade e da imaginação tanto no fazer artístico como na apreciação de trabalhos artísticos.

Assim, a arte é importante na escola, principalmente porque é importante fora dela. Por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte é um patrimônio cultural da humanidade e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber. (MARTINS, PICOSQUE E GUERRA, 1998, p.13).

A arte desenvolve competências, habilidades e conhecimentos particulares à sua área de abrangência e que são necessárias para todas as áreas do conhecimento. Por esse motivo é muito importante para a formação de sujeitos críticos e capazes de imaginar, descobrir e criar.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais:

O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e flexibilidade é condição fundamental para aprender. (BRASIL, 1997, p. 19).

Entretanto, não é apenas por seu valor poético e imaginário que a arte é obrigatória no currículo escolar, mas também pelo seu valor essencial na construção de um ser humano completo capaz de ver, interpretar e conhecer o mundo, a arte e o patrimônio cultural, que todos devem ter direito ao acesso.

Nesse sentido os PCN (BRASIL, 1997, p.19) apontam que:

O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos a sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida.

O ensino da Arte estimula a formação de sujeitos completos, capazes de utilizar todos os sentidos já que “solicita a visão, a escuta e os demais sentidos como portas de entrada para uma compreensão mais significativa das questões sociais” (BRASIL, 1997, p.19). Podemos perceber que a mesma tem muito a contribuir na formação dos sujeitos, mas bons mediadores podem facilitar e estreitar os laços com o aprendizado em arte.

Nesse processo de ensino-aprendizagem cabe ao professor possibilitar o contato com os mais variados tipos de culturas, de arte e de experiências. Para isso é preciso que o mesmo conheça as manifestações artísticas.

Um professor de arte deve ter a preocupação de ampliar constantemente o seu repertório de experiências artísticas, já que conforme os PCN de Arte, o professor não precisa ser um artista, mas sim ser um experimentador constante em todas as suas linguagens.

Portanto, é necessário que o professor conheça e oportunize aos alunos diversos contatos com a arte, como a pintura, o desenho, a gravura, a modelagem, a colagem, as experiências com diversos sons, com as expressões corporais, com as novas tecnologias. Além disso, é preciso disponibilizar aos educandos o acesso às obras de Arte e as manifestações artísticas, seja no âmbito global, nacional ou regional. Assim, o professor garantirá oportunidades constantes de ampliação de repertório e de exercício nas práticas das diferentes linguagens e técnicas, levando o aluno a uma autonomia progressiva e a um repertório variado, capaz de ajudá-lo em diversas situações cotidianas da vida.

É importante ressaltar que as aprendizagens que as pessoas realizam não se reduzem somente as oportunizadas na escola e que o acesso às obras e aos bens culturais vão além dos muros das instituições de ensino.

O acesso dos alunos as obras e as diversas manifestações artísticas não deve se restringir apenas a reproduções em seus mais variados tamanhos de papeis, mas sim, em algum momento devem ser palpáveis e reais. O acesso a arte pode e deve sair da única possibilidade que contempla os artistas renomados e dos museus consagrados e visitar também as comunidades regionais com a cultura local, por meio dos artistas que ali produzem, das casas de cultura, dos cinemas e teatros tão perto de todos nós.

Adotar como práticas educativas visitas aos espaços de cultura poderá ampliar o repertório dos visitantes e talvez, como consequência, possa ampliar o repertório dos seus amigos e familiares. Estar em contato com festivais de música, de dança, cinema, espetáculos de teatro, galerias de arte, espaços culturais de todos os tipos, inclusive museus, é um direito de todo cidadão, garantido pela Constituição Federal (1988) e um dever do Estado de propiciar o acesso à arte e a cultura. (REDDIG, 2007, p. 32).

É essa rede de interação que a educação escolar é capaz de alcançar. A educação estética pode (e deve) ser inserida no cotidiano dos educandos

provocando a mudança de costumes, pensamentos e atitudes; gerando um ciclo que pode influenciar positivamente famílias, comunidades e gerações.

Dessa forma, enquanto adultos considerarem museu espaços de coisa morta, mais remota será a possibilidade de a criança ressignificar esta visão e poder, então, experimentar a relação com o museu como espaço de troca, descoberta, produção de sentido, criação, espaços de memória, de história, de vida. (LEITE, 2006, p.81).

De acordo com a autora é importante salientar que tão importante quanto o ensino dos conteúdos como ponto, linha, forma, cores, planos, entre outros é o ensino voltado para a educação estética/artística e a formação do olhar sensível.

#### 4. OS MUSEUS COMO FONTE DE CONHECIMENTO ARTÍSTICO

Museus são lugares que abrigam e contam histórias, são moradias de objetos históricos, de obras de arte e de coleções consideradas bens culturais. Os museus são tão mágicos que Walter Benjamim apud (BRASIL, 2007, p.33) afirma que eles “são casas e espaços que suscitam sonhos”. Mas, o papel do museu vai além de abrigar as coleções. Segundo Reddig (2007, p.47):

os museus podem ser também lugares de encontro de gerações, de trocas, memórias, identidades, culturas, etnias, gêneros, grupos sociais, políticos, enfim, lugar de se reconhecer e conhecer o outro, lugares de encantamento, de poesia e de conhecimento, portanto lugares onde identidades culturais podem ser identificadas e reconhecidas, onde a produção da diferença se evidencia sem que o “outro” seja o diferente.

As experiências vivenciadas nos museus os tornam fonte de um conhecimento único. No museu aprende-se sobre tudo: História, Geografia, Ciência, Matemática e Arte, é claro. Aprende-se olhando, falando, cheirando, tocando, interpretando, desvelando, contando e recontando.

O conhecimento que perpassa os museus está além das histórias e conhecimentos agregados nos objetos ou obras ali expostas. As sensações e experiências que o espaço museal proporciona refletem em aprendizados, talvez, mais significativos do que uma aula de Arte.

Os museus assim como as escolas são lugares de educação, cultura e conhecimento.

Museus e escolas são espaços sociais que possuem histórias, linguagens, propostas educativas e pedagógicas próprias. Socialmente são espaços que se interpenetram e se complementam mutuamente e ambos são imprescindíveis para a formação do cidadão. (MARANDINO, 2001, p.98).

Assim como os museus, a aula de Arte também é um lugar onde sonhar é permitido e onde o imaginar e o criar são solicitados. Por isso, os museus são aliados do ensino da arte, são lugares de experiência estética e de valorização da arte.

Assim sendo, a construção de conhecimento relevante sobre arte implica a qualidade das experiências estéticas vividas pelo sujeito. Não bastam as informações sobre estilo, épocas e história de vida dos artistas. Tampouco bastam os espaços educativos elegerem questões que julgam importante abordar sem considerar a necessidade de construção de conhecimento e significados pessoais por parte do contemplador. (ARGOLO, 2005, p. 81).

As experiências artísticas e estéticas precisam ser afetivas e transformadoras, para que se tornem significativas e agreguem na construção do conhecimento. Experiência artística que não sensibiliza e nem enriquece logo é esquecida, caindo na rotina escolar do “fazer por fazer”.

Por isso, geralmente as vivências artísticas fora da escola se tornam mais significativas, já que aguçam os sentidos para o novo e fazem os alunos irem além da rotina.

Os sujeitos, em suas interações diversas, circulam em variados espaços culturais e experienciam, também, diferentes formas de produção cultural. É no diálogo com o outro e com a cultura que cada um é constituído, desconstruído, reconstruído, cotidianamente. O acesso aos bens culturais é meio de sensibilização pessoal que possibilita, ao sujeito, apropriar-se de múltiplas linguagens, tornando-o mais aberto para a relação com o outro, favorecendo a percepção de identidade e de alteridade. (LEITE; OSTETTO, 2005, p.23).

Além de contribuir na vivência dos conteúdos discutidos em sala de aula é preciso perceber que o museu, por si só, já é um espaço de conhecimento. Ele não precisa ser somente um lugar que ilustre o dito no espaço escolar, mas pode e é um lugar mergulhado no conhecimento e que provoca o gosto pela descoberta, aproxima o espectador da arte e suscita expectativas que refletem no imaginário.

Logo, entender e “ler” os museus, com suas coleções e articulações, articulações essas capazes de representar nossa identidade, nos quais o cidadão encontra traços de sua cultura, do fazer cotidiano ao fazer elaborado, contribui para nossa identificação como sujeitos dessa e nessa História, podendo utilizar esse referencial no sentido de compreender o passado, se situar no presente e pensar o futuro. (REDDIG, 2007, p. 45).

Isso reforça a importância da alfabetização visual. Sim, porque leitura não é somente de palavras. Lê-se imagens: flyers, outdoors, propagandas, vídeo clipes, comerciais, pessoas, quadros, fotos. Lê-se o mundo!

#### 4.1 MUSEUS: HISTÓRIA E TIPOLOGIAS

O senso comum ainda define os museus como espaços de velharias, espaço de um patrimônio material morto. Entretanto, Almeida (1997, p. 50) define

museu como uma “instituição permanente, sem fins lucrativos, que adquire, preserva, documenta e pesquisa para educação e lazer”.

Já, segundo Rojas (1979, p.24) “a palavra moderna *museu* é uma derivação do grego *museion*, nome dum templo de Atenas dedicado às musas”. Além de definir museu, o mesmo autor escreve um breve histórico:

no século III a. C. a mesma palavra foi utilizada para designar um conjunto de edifícios construídos por Ptolomeu Filadelfo em seu palácio de Alexandria. Tratava-se dum complexo que compreendia a famosa biblioteca, um anfiteatro, um observatório, salas de trabalhos e estudos, um jardim botânico e coleção zoológica (idem).

Figura 01 – O interior da antiga biblioteca de Alexandria



Fonte:  
[pt.wikipedia.org/wiki/Biblioteca\\_de\\_Alexandria](http://pt.wikipedia.org/wiki/Biblioteca_de_Alexandria)

Figura 02 - A primeira ilustração de um gabinete de curiosidades, publicada por Ferrante Imperato em Dell'Historia Naturale, Nápoles, 1599



Fonte:  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:RitrattoMuseoFerranteImperato.jpg>.

Ao longo da história, também se tem notícias de que os romanos colecionavam obras de arte e que na Idade Média se acumulavam valiosas coleções de objetos artísticos. As coleções aumentam, quando a história chega até o Renascimento onde diversas famílias italianas reservavam cômodos em seus palácios para abrigar as suas coleções. (ibidem).

As coleções só tenderam a aumentar:

O gosto pelas coleções foi geral entre príncipes e nobres de muitas cortes da Europa, fazendo com que proliferassem os gabinetes de curiosidades, que se mantiveram até o fim do Século XVIII, quando as coleções particulares foram abertas ao público e formaram-se os museus (REDDIG, 2007, p.43).

De acordo com a autora, na segunda metade do século XIX surgiram os primeiros museus norte-americanos (Ibidem). No Brasil, Julião (2006, p. 21) afirma que “o surgimento das primeiras instituições museológicas também data do século XIX”.

Considerando esse breve levantamento histórico podemos perceber que os museus, apesar de fazerem parte da história há alguns séculos, continuam sendo lugar de cultura e arte que não morrem, ao contrário, se renovam e multiplicam. Por outro lado, o conceito de que os museus são espaços de acúmulo de coisas velhas, ainda tende, na maioria das vezes, a passar as gerações.

Desse modo, identificar e reconhecer museus em suas diferentes localidades e temporalidades requer o reconhecimento de que eles são ao mesmo tempo: “casas de memória, lugares de representação social e espaços de mediação cultural”. (NASCIMENTO JR E CHAGAS, 2006, p. 13)

Sobre as tipologias de museus Almeida (1997) apud Reddig (2007, p. 49) evoca Almeida (1997, p. 10), para citar as categorias de museus:

museus de arte, museus de história natural, museus de etnografia e folclore, museus históricos, museus de ciências e técnicas, museus de ciências sociais e serviços sociais, museus de comércio e das comunicações, e museus de agricultura e produtos da terra. Com algumas pequenas variações, a maioria dos autores utiliza essa classificação, mas segundo a autora pode-se também definir museus utilizando como critério as disciplinas (artes, história, etnologia etc.) ou por sua propriedade – privados e públicos e, dentro destas duas últimas categorias, poderiam ser classificados em estatais, municipais, eclesiásticos e também universitários.

Percebemos a partir da citação anterior o vasto leque de conhecimento que os museus possibilitam e que podem ser explorados por diversas áreas da educação. Aqui, como tratamos do ensino da Arte em museus, mantenho como foco da pesquisa a aprendizagem artística, me atendo, restritamente, aos museus de arte.

#### **4.1.1 Museus de arte**

Os museus de arte são espaços de abrigo para as produções das várias linguagens da arte em suas variadas manifestações (pintura, desenho, escultura, gravura, fotografia, teatro, performance, dança, entre outros) em diferentes tempos e espaços, lembrando que

os museus e demais espaços de cultura são depositários da memória de um povo, encarregados pela preservação das obras produzidas pela humanidade, com suas histórias, com os meios próprios de que dispõe. [...] Os museus não apenas exercem o papel da guarda, mas têm vocação para investigar, documentar e comunicar-se. (LEITE, 2006, p. 75).

Percebe-se que o museu de arte é o espaço onde as obras são classificadas como arte ou não e comunicadas à sociedade. Por isso, se faz necessário conceituar o que é arte:

A arte é um modo de ver e dizer de si e do mundo. Constituída de imagens – sonoras, visuais, poéticas, corporais... ela mobiliza afeto, pesquisas, cognição, intuição, percepção, reflexão; ela abraça o feio, o bonito, prazer, desprazer, inveja, medo, egoísmo, alegria, estranhamento, portanto, é repleta de emoções e contradições. A obra de arte se abre para o outro, e a possibilidade de participar dela dá ao sujeito, a chance de ver-se como ser integral. O contato com a arte transforma, faz ligação, constrói. Como linguagem, ela opera através de cores, formas, linhas, volumes, sons, movimentos... e precisa de um tempo e de espaços próprios; é cheia de mistérios que revela, desvela e oculta. (FELDHAUS, 2004, p. 24).

Desse modo, a arte e os museus são espaços de comunicação da cultura; são espaços de experiências artísticas que evocam emoções, memórias e afetos que se transformam em sentimentos, estranhamentos, questionamentos e devaneios. A soma dessas sensações e reflexões gera conhecimento, não só artístico/estético mais também de vida.

Assim, falar de arte e memória é falar de tempo-espaço numa perspectiva não-cronológica. É dizer de conhecimento, privilegiadamente, estético e poético. É discutir subjetividade e significação. É problematizar a cultura como processo e como produto do homem em suas múltiplas relações e atribuições de sentido. É perceber o registro artístico como possibilidade de deixar rastros e, assim, registrar uma época. (LEITE, 2006, p. 80).

Além de registrar, comunicar e significar diversos tempos e lugares, os museus de arte são lugares de experiências estéticas enriquecedoras. O diálogo existente entre o observador e a obra o leva a interpretar imagens e, conseqüentemente, a partir delas, interpretar o mundo.

Através da arte comunica-se diversos assuntos, que requerem do apreciador a busca em sua memória por imagens significativas que somem ao observado. Desse modo, ousou afirmar que quanto maior a bagagem imagética do sujeito, maior será seu nível de leitura e de compreensão do mundo a sua volta. Ressaltando aqui, que essas imagens não têm limite de tempo. Por isso, a importância de se criar o hábito da apreciação desde a infância.

Seja qual for à relação sujeito-obra, nela se dá um entrecruzamento de tempos não-lineares. Há a temporalidade do autor; do contemplador; da obra em sua materialidade e do que ela representa. O processo de significação de imagens não está no presente, está no que vai vir – está nas ondas de sentido que se propagam. Há a necessidade de soterrar imagens no esquecimento para que sejam, depois, lembradas, evocadas. Mais interpenetração de tempos [...] (LEITE, 2006, p. 78).

Desse modo, as experiências estéticas e o acesso às imagens vivenciadas em museu de arte são de extrema relevância para um aprendizado significativo. Além disso, fazem também com que o sujeito passe a valorizar, respeitar e interpretar a arte, inclusive com a criticidade de questionar o que é, ou não, arte.

#### 4.2 MUSEUS, REPERTÓRIO CULTURAL E APRECIÇÃO ESTÉTICA

Fica quase que incontestável a relevância do aprendizado que pode ser conquistado nos museus, entretanto não se pode restringir os museus e espaços culturais como, apenas, espaços de educação. Parafraseando Leite e Ostetto (2005) não podemos (nem devemos) escolarizar os museus.

Retomando a definição de museus, resalto agora, outra de suas faces: “instituição permanente, sem fins lucrativos, que adquire, preserva, documenta e pesquisa para educação e **lazer**”<sup>2</sup> (ALMEIDA, 1997, p. 50). Isso porque, os espaços museais são ricos em experiências. Experiências educativas, experiências culturais, experiências de lazer, de entretenimento: experiências estéticas.

Tudo o que vemos no cinema, ouvimos no rádio, contemplamos num quadro, assistimos numa dança, vemos numa paisagem, percebemos na arquitetura de uma cidade etc. é acrescido ao nosso acervo de imagens, sons, movimentos..., que, ao longo de nossas vidas e experiências,

---

<sup>2</sup> Grifo meu. Fundamento-me em Almeida (1997), que reconhece os museus como espaços de lazer e não apenas lugar de educação.

guardamos em nossa memória - são nosso repertório de experiências estéticas. (LEITE, 2008, p. 63).

Esses tipos de atividades de lazer, fixadas em nossa memória, fazem parte de um repertório de experiências estéticas que integram a formação cultural dos sujeitos. Leite (2008, p. 57) considera que formação cultural:

É toda e qualquer possibilidade de apropriação nas diferentes esferas da cultura: arte, literatura, folclore, arquitetura, artesanato, dentre tantos outros aspectos e dimensões. Traduz-se pela possibilidade de construção de conhecimento no âmbito artístico-cultural, os de dimensão estética e poética, ligados à Arte em suas expressões literárias, visuais, teatrais, musicais ou corporais, disponíveis hoje e construídos ao longo da história da humanidade.

É preciso ressaltar que as experiências são únicas, singulares e quando adquiridas em um ambiente propício qualificam ainda mais a experiência. Por exemplo, a experiência estética adquirida ao assistir um filme na sala de cinema é diferente da experiência adquirida ao assistir o filme no DVD da sala de nossa casa. Não diminuindo essa experiência, penso que há certos lugares que tem cheiro e toque de experiência estética, onde se lê (imagens, signos e o mundo) de uma maneira diferente. Podendo ser inclusive comparada com uma biblioteca, lá se tem desejo de ler, sentimos “cheiro de leitura”; aquele é o lugar propício. Coli (2002, p. 129) nesse sentido, afirma:

Não é apenas necessário termos acesso às artes pelos álbuns, pelo rádio, pelos discos, pela televisão; é necessário também ir a museus, a concertos, a teatro, a cinema, a exposições. É necessário visitar monumentos. É necessário poder ler.

Especificamente no caso das obras de arte, é totalmente diferente ver, sentir e interpretar a imagem de uma obra de arte. Os museus parecem ter uma atmosfera própria, que aos amantes da arte pode até emocionar.

Estar sensível a esses momentos de apreciação estética é estar atento ao ver; ao ver de novo; ao sentir; degustar; apreciar. É necessário curiosidade e crítica. É preciso ter aquele “olhar de viajante” (LEITE, 2008, p.59) que significa o que lemos do/no mundo. Apreciar é, na verdade, uma questão de hábito cultural, já que a “apreciação de obras não é dom inato – nosso olhar é construído dia a dia e essas

possibilidades de experiência estética fazem parte de nossa formação cultural”. (LEITE; OSTETTO, 2005, p. 42).

Museus históricos, iconográficos, científicos, de arte, entre outros. Todos podem e devem ser inclusos em nossa rotina e em nossos hábitos culturais. Há museus de todos os tipos e gostos. Pequenos, grandes, antigos, modernos, os de ver, os de tocar. Por isso, é preciso esvaziar-se da correria rotineira da vida contemporânea e dar-se espaço para momentos de apreciação estética. Afinal, “cada passeio, cada visita, cada experiência suscita no contemplador sensações e indagações únicas; desperta desejos, abre portas para novas buscas – e isso não poderia ser desperdiçado, encolhido”. (LEITE; OSTETTO, 2005, p. 45).

Espaços culturais, como os museus são também espaços de relacionamento, de convivência e de troca de saberes. Nos relacionamos com os outros sujeitos, com as histórias, conosco, com as obras, com a cultura e com a arte. E é nesse momento de relacionamento que descobrimos mais sobre nós mesmos, a partir do outro. Essas experiências estéticas e de relacionamento que agregam ao nosso repertório cultural fazem dos museus lugares de encantamento, buscas, conquistas, sonhos, realidades, aprendizagem, cultura, arte e também de lazer. Direitos irrevogáveis de todo cidadão.

#### 4.3 MUSEUS EM IÇARA/SC

Aos cidadãos da cidade de Içara/SC, que estiverem abertos a apreciação, a cidade dispõe de três museus para visitação.

O museu Casa da Cultura Padre Bernardo Junkes, Patrim nio Histórico e Artístico do município tombado em 09 de dezembro de 1992, abriga uma coleção histórica e é “destinado à divulgação de peç as, fotografias, documentos e outros relíquias antigas da casa da cultura, de instituições e de coleções particulares”. (PAVEI, 2011, p. 125).

Figura 03 - Museu Casa da Cultura Padre Bernardo Junkes



Endereço: Praça da Matriz São Donato, s/nº, Centro, Içara/SC  
Fonte: Arquivo do Museu

O Museu Casa do Agente Ferroviário Anselmo Cargnin, localizado à margem da estrada de ferro entre a Praça das Etnias e a Praça da Juventude Fernando Pacheco é um lugar encantador. Uma casinha de arquitetura antiga emoldurada pelos trilhos da ferrovia Teresa Cristina, pelos canteiros de flores e por um parquinho sempre cheio de crianças.

Segundo Fátima Pavei (2011, p. 128): “era conhecido como a Casa do Agente Ferroviário ou a Casa do Sapateiro, uma das mais antigas construções de Içara que possui quase cem anos”. Após sofrer uma reforma restaurativa a Casa do Agente Ferroviário Anselmo Cargnin foi tombada como patrimônio da cidade em 03 de novembro de 2008. O museu abriga em seu interior “ferramentas de trabalho, lanternas sinalizadoras, documentos, galeria de fotos e um telefone antigo tocado a manivela. O acervo é variado, doado pelos próprios ferroviários ou familiares” (PAVEI, 2011, p. 129).

O lugar que marcou gerações hoje abriga histórias e faz parte da identidade cultural do município.

Figura 04 - Museu do Ferroviário Anselmo Carginin



Endereço: Praça da Juventude Fernando Pacheco, s/nº, Centro, Içara/SC  
Fonte: Arquivo do Museu

A cidade ainda conta com o Museu Sacro Capela de Santo Antônio localizado na Rodovia SC-443, comunidade de Linha Anta. O museu é uma antiga capela construída pelos colonizadores da região em aproximadamente 1910. A capela já foi de palha, depois de madeira até chegar na construção atual que é a igreja mais antiga do município. O patrimônio tombado em 20 de julho de 1995 já passou por algumas reformas, mas atualmente encontra-se fechado por falta de manutenção. (PAVEI, 2011, p. 132)

Figura 05 – Museu Sacro Capela de Santo Antônio



Endereço: Rod. SC 443, s/nº, Linha Anta, Içara/SC  
Fonte: Arquivo do Museu

## 5. TRATAMENTO DOS DADOS: REFLEXÕES EM CURSO

Conforme já destacado na introdução desse trabalho, durante a caminhada acadêmica e o período de trabalho no Setor Arte e Cultura da UNESCO, despertei para a relevância dos museus na construção do conhecimento sensível e artístico e passei a me questionar porque os professores de arte do meu convívio pouco se interessavam por esse amplo e importante campo de conhecimento artístico-cultural.

Tendo como pressuposto essas vivências pessoais, ao partir para a pesquisa de campo foi necessário realizar um recorte para contemplar os itens necessários a minha pesquisa, dessa forma escolhi a cidade de Içara/SC e seus museus para essa reflexão, pois acredito que é necessário primeiro conhecer e modificar a realidade onde convivemos para depois olhar ao redor.

Foi aplicado um questionário (ver apêndice A), com oito questões abertas, envolvendo oito professores de arte da rede municipal de ensino da cidade de Içara indicados pela Secretaria de Educação, Ciência e Tecnologia do município.

Inicialmente o questionário buscou identificar o nome, a idade e a formação dos participantes, como complemento dessa primeira questão, a pergunta de número oito buscou verificar qual a maneira que os entrevistados desejariam ser identificados na transcrição dos dados para a presente pesquisa e o modo como eles escolheram é a forma como os identifico no texto.

Os oitos entrevistados serão identificados durante a análise por seu primeiro nome (nome real ou fictício), são eles: Adeli, 58 anos, formada em Educação Artística e Artes Plásticas e Pós-Graduada em Ensino da Arte. Daiane, 31 anos, formada em Artes Visuais e pós-graduada em Arte-Educação e Metodologias do Ensino. Daniel, 28 anos, formado em Artes Visuais. Lourdete, 47 anos, formada em Arte-Educação; Márcia, 46 anos, arte-educadora pós-graduada; Mariê, 25 anos, cursando a 6ª fase do curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESCO; Neusa, 43 anos, formada em Artes Visuais e Patrícia, 61 anos, formada em Educação Artística e Artes Plásticas.

O segundo questionamento buscou perceber com que frequência os entrevistados costumam visitar os museus da região. Daniel e Márcia visitam os museus uma vez por ano, Adeli afirma ir sempre que tem oportunidade, Daiane e Mariê costumam ir de duas a três vezes por ano. Daiane, porém, complementa

afirmando que visita menos do que deveria. Neusa e Patrícia afirmam ir raramente e Lourdete costuma visitar frequentemente os museus destacando: *“Meu trabalho, as atividades desenvolvidas com os alunos, além de meu gosto pelas questões museológicas sempre me levam aos museus”*.

Percebemos aqui que as visitas acontecem menos do que deveriam por inúmeros fatores não ressaltados nas respostas, mas como dar ao aluno algo que eu não tenho? Temos que nos dar oportunidades de aumentar o nosso repertório artístico-cultural. Só assim, teremos mais a oferecer a nós mesmos e aos outros. O repertório que adquirimos a cada visita a um museu (independente de sua tipologia) é único e ninguém pode tirar. Além disso, o gosto pela visita tende a ir aumentando a cada novo lugar visitado ou a cada (re) olhar a um espaço antes já visitado.

Os museus proporcionam a experiência com objetos que, em si, podem gerar motivação, curiosidade e questionamentos [...]. Uma visita ao museu pode proporcionar aprendizagens tanto de elementos cognitivos como afetivos. (ALMEIDA, 1997, p.51).

A visita desperta, provoca, estimula, faz pensar, evoca a memória e o nosso repertório imagético e histórico. Esses são aprendizados que o museu proporciona e é essa afetividade que faz com que a visita se torne uma experiência de vida.

Continuando a investigação, a terceira questão buscou perceber a periodicidade que os entrevistados realizam visitas a museus. Por isso, questionei: aproximadamente, quando foi a sua última visita a um museu? Neusa afirma não lembrar a última visita a um museu, já que a fez há muito tempo. Daniel realizou sua última visita em 2011. Márcia há quatro meses atrás visitou o Museu de Zoologia da UNESC. Mariê há três meses. Patrícia e Daiane há aproximadamente dois meses. Adeli a um mês e Lourdete há uma semana.

Observa-se que a periodicidade da visita varia entre os entrevistados, tendo a minoria visitado museus a menos de um mês.

As respostas dos entrevistados levam a refletir sobre a importância de uma formação continuada constante. É preciso perceber que nunca deixamos de aprender, devemos, sim, estar atentos sempre, já que aprendizagem não tem dia, hora ou lugar marcado. Por isso, o olhar sensível é imprescindível para a formação

de sujeitos constantemente prontos para ver, ouvir, ler, (re) ler e aprender o novo de novo.

Museus são espaços de novidades e de permanências, nele é possível ampliar o repertório de imagens, de obras de arte, de histórias, de curiosidades. Museus podem despertar para a pesquisa de assuntos ainda não compreendidos, de culturas ainda ocultas ao nosso conhecimento. Sobretudo os museus são lugares de troca, por isso sua importância no currículo escolar, conforme destaca Reddig (2007, p.46):

Percebo que os museus podem ser também lugares de encontro de gerações, de trocas, memórias, identidades, culturas, etnias, gêneros, grupos sociais, políticos, enfim, lugar de se reconhecer e conhecer o outro, lugares de encantamento, de poesia e de conhecimento, portanto lugares onde identidades culturais podem ser identificadas e reconhecidas, onde a produção da diferença se evidencia sem que o “outro” seja o diferente.

O questionário segue perguntando sobre a ida das turmas que os professores lecionam aos museus como parte integrante do currículo em arte, buscando perceber a frequência que a visita costuma ocorrer. Adeli parece frustrada quando afirma: *“Infelizmente bem pouco. Pois ‘as escolas’ não dão a devida importância quanto às outras disciplinas.”* Daiane, Márcia, Daniel e Mariê afirmam levar os seus alunos uma vez por ano aos museus, Daiane, porém complementa: *“é muito pouco!”*

Patrícia dificilmente leva os seus alunos, por que afirma que a sua escola é muito longe e não dispõe de condução própria. Já Neuza explica que nesse ano levou apenas duas turmas aos museus, e destaca que prioriza somente visitas a exposições de arte que acontecem no município.

Encontramos aqui, dificuldade por parte dos professores em levar seus alunos aos espaços museais. Há falta de recursos, de apoio, de motivação. Mas, essas dificuldades não diminuem os benefícios da visita e a importância de uma formação cultural constante.

Por outro lado, Lourdete afirma levar os educandos sempre que o conteúdo trabalhado venha ao encontro das exposições e eventos realizados nos museus. Entretanto, é importante destacar que os museus não precisam e nem devem ser escolarizados, servindo apenas de complemento para um aprendizado obtido nas escolas.

Os museus também são espaços com uma cultura própria e, neste sentido, espera-se que ele ofereça ao público uma forma de interação com o conhecimento diferenciado da escola. (MARANDINO, 2001, p.88).

Museus têm aprendizados próprios e únicos. Ele pode complementar o já visto ou já estudado? Sim, pode. Mas, não se resume a esse tipo de experiências. O museu é “um espaço de crescimento, de construção de conhecimento, de desenvolvimento da afetividade, de formação e de informação, de lazer e, sobretudo, um espaço de vida”. (SANTOS, 2000, p.12).

Seguindo os questionamentos, falamos agora sobre a tipologia dos museus que os entrevistados preferem visitar. Adeli, Daniel e Lourdete preferem os museus de arte e históricos. Adeli complementa afirmando que todos são importantes dentro da disciplina. Márcia, Mariê e Neusa preferem apenas os de arte, mas Patrícia afirma ser curiosa e gostar de ver todos. Daiane, além dos de arte e histórico cita os museus interativos como o de tecnologia/ciência da PUCRS<sup>3</sup>.

O conceito de museu, para a grande maioria de professores e alunos, ainda permanece como “um local onde se guarda coisas antigas”, sendo que o patrimônio cultural é compreendido como algo que se esgota no passado, cabendo aos sujeitos sociais, contemplá-lo, de maneira passiva, sem nenhuma relação com a vida, no presente. Cultura, patrimônio e tradição são produtos dissociados do cotidiano do professor e da vida dos alunos. (SANTOS, 2000, p.05)

Entretanto, além de um lugar de histórias e passado precisamos enxergar os museus como lugares de cultura, de descobertas, de presente e de futuro. Lugar não de contempladores passivos, mas de sujeitos que contemplam, pensam, respiram, (se) relacionam, conhecem, (re) significam, valorizam, associam e preservam.

Mesmo que seja um pouco mais visível no campo das artes, o museu tem igual relevância na difusão de todas as ciências. Portanto, pensar o museu e seu potencial educativo e/ou sua possibilidade de assegurar/favorecer espaço para a constituição de diferentes identidades dos sujeitos (no caso desta investigação, das crianças) é compreender que ele não guarda apenas um conjunto de elementos de valor cultural, mas, sim, o produto resultante da relação Homem/Sujeito com o seu espaço-tempo. Além da cultura material, o museu apresenta o patrimônio imaterial produzido pelo Homem/Sujeito. (REDDIG, 2007, p. 47).

---

<sup>3</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/pucrs/Capa/AUniversidade>. Acesso em: 30/10/2012 às 22h19min.

Além disso, temos na região da AMREC uma variedade de tipologias de museus. Por isso, precisamos despertar e perceber que museus também são espaços de lazer e não precisam estar necessariamente ligados a escola. Afinal,

museus e escolas são espaços sociais que possuem histórias, linguagens, proposta educativas e pedagógicas próprias. Socialmente são espaços que se interpenetram e se complementam mutuamente e ambos são imprescindíveis para a formação do cidadão cientificamente alfabetizado. (MARANDINO, 2001, p.98).

As cidades de Içara/SC, Balneário Rincão/SC e Criciúma/SC oferecem acervos para os mais variados gostos e curiosidades. No município de Içara (SC) temos o Museu Casa da Cultura Padre Bernardo Junkes. O Museu do Ferroviário Anselmo Cargnin e o Museu Sacro Capela de Santo Antônio, anteriormente citados.

No Balneário Rincão/SC o Museu Arqueológico Igreja Nossa Senhora dos Navegantes.

Figura 06 – Museu Arqueológico Igreja Nossa Senhora dos Navegantes



Endereço: Rua Florianópolis, s/nº, centro, Balneário Rincão/SC

Fonte: Arquivo do Museu

Em Criciúma/SC o Museu Histórico e Geográfico Augusto Casagrande, a Casa do Agente Ferroviário Mário Ghisi, a Galeria de Arte Contemporânea da Fundação Cultural de Criciúma, a Galeria Octávia Gaidzinski. Além dos museus ligados à Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc, como o Museu da Infância, o Museu de Zoologia Prof<sup>a</sup> Morgana Cirimbelli Gaidzinski, o Espaço Cultural Unesc, entre outros.

Figura 07 – Museu Histórico Geográfico Augusto Casagrande



Endereço: Rua Cecília Darós Casagrande, s/nº, Comerciário, Criciúma/SC  
Fonte: <http://www.sctur.com.br/criciuma/museu-municipal.asp>

Figura 08 – Casa do Agente Ferroviário Mário Ghisi



Endereço: Avenida Centenário – ao lado do terminal central de ônibus,  
Centro, Criciúma/SC

Fonte: <http://www.sctur.com.br/criciuma/casa-ferroviario.asp>

Figura 09 – Galeria de Arte Contemporânea  
Fundação Cultural de Criciúma



Endereço: Rua Cel. Pedro Benedet, 269 – CEP:  
88801-250, Centro, Criciúma/SC

Fonte: <http://www.fundacaoculturalcriciuma.com.br/ccjorgezanatta.html>

Figura 10 – Galeria de Arte Octávia Gaidzinski



Endereço: Rua Domênico Sônego, s/n, Paço Municipal, Criciúma/SC  
Fonte: <http://www.fundacaoculturalcriciuma.com.br/>

Figura 11 - Museu da Infância – MUESC - UNESC



Endereço: Bloco Z, sala 01, Av. Universitária, Bairro Universitário, Criciúma/SC  
Fonte: <http://www.museudainfancia.unesc.net/>

Figura 12 - Museu de Zoologia Profª Morgana Cirimbelli Gaidzinski – MUESC - UNESC



Endereço: Bloco da biblioteca, Sala 08, Av. Universitária, Bairro Universitário, Criciúma/SC

Fonte: <http://www.museudainfancia.unesc.net/>

Figura 13 – Espaço Cultural Unesc “Toque de Arte”



Endereço: Hall do bloco Administrativo, Av. Universitária, Bairro Universitário, Criciúma/SC

Fonte: <http://www.unesc.net/portal/capa/index/114/3502/>

Sobretudo, além dos museus citados, temos monumentos, teatros, parques, minas de visitação, centro de eventos, centros culturais, entre outros e todos esses lugares são espaços de cultura e lazer e de aprendizado disponível a todos da sociedade.

Questionados sobre o que motiva a visita aos museus Daiane, Mari  e Neusa afirmam visitar os museus para aumentar o repertório imagético, cultural e artístico, enfatizando a possibilidade de ver as obras de arte de perto. Adeli, Patrícia e Márcia comungam da motivação histórica, apontam ir ao museu para reviver o passado para compreensão do presente e do futuro. Patrícia complementa: *“Para conhecer melhor a história e não ficar somente na teoria. Assim posso ter certeza do que estou ensinando”*.

Daniel motiva-se a visitar os museus para conhecer as culturas locais e adquirir conhecimento cultural. Já Lourdete, além do elo com o passado e o gosto da cultura cita a motivação de *“apreciação do belo e da estética”*.

Perceber os museus como espaços de apreciação é ainda uma tarefa difícil e não habitual, isso porque   necessário estar sensível para apreciar. É preciso estar aberto para trocas e é fundamental dar-se tempo e na contemporaneidade isso   raridade.

Não é nada fácil manter-se aberto   alteridade que interrogamos – e a experiência estética pressupõe isso; ela é a relação com o outro; exige, do contemplador, a criação de sentido. O tempo da experiência é fundamental: o olhar sensível não reconhece imediatamente; exige atenção flutuante. Depois, organiza e classifica. O contemplador ativo, ultrapassando os limites da obra e do artista, vai revelando símbolos, decodificando, estabelecendo sentidos. Com o reconhecimento, vem a interpretação, conservando a legitimidade do objeto est tico. Exige distância (mas não a vertigem da distância!) e aproximação (mas não a cegueira da aproximação) num movimento alternante – e, assim, novas indagações. (LEITE; OSTETTO, 2005, p.44).

A última questão buscou perceber com que intenção os professores levam os seus alunos aos museus. Adeli e Márcia afirmam levar os seus alunos a museus com a intenção de que eles percebam a importância do passado e resignifiquem o olhar para o futuro. Daniel, Neusa e Mari  trazem uma motivação semelhante já que afirmam levar seus alunos a museus com intenção de proporcionar uma experiência diferenciada oportunizando o acesso pessoal as obras de artes para que aumentem o seu repertório.

Patrícia traz uma visão diferente quando afirma levar os alunos a museus, uma vez que para ela, na disciplina de artes, os educandos precisam visualizar para que possam entender a teoria. Lourdete, por outro lado, afirma levar os seus alunos a museus com a intenção da pesquisa, da apreciação e da ampliação do repertório estético e cultural.

Mais uma vez é latente essa necessidade que os professores ainda têm de sempre relacionar a visita com o currículo escolar. Parece que se a visita não estiver atrelada aos conteúdos pré-estabelecidos não se torna significativa e serve apenas para passar tempo. Não devemos anular a experiência e o conhecimento que a visita em si pode oferecer.

Assim, a escola, por um lado não precisa abrir mão de seu currículo e deve articulá-lo, em diferentes níveis, com os conteúdos das exposições. Mas esse não deve ser o objetivo final e único da visita. A dimensão da ampliação da cultura e da educação pelo e para o patrimônio, tão cara aos museus, deve ser contemplada e as oportunidades de interação entre esses espaços devem levar à percepção de que os museus são mais do que complementos da escola, pois possuem uma identidade própria. (MARANDINO, 2001, p.97)

Daiane, entretanto, afirma levar os seus alunos a museus com a intenção de oportunizá-los uma experiência cultural. Destaco sua afirmação: “*uma experiência cultural que nem sempre terão sem o acompanhamento da escola, de forma mediada e orientada*”. A professora também afirma utilizar as visitas como base para as atividades realizadas em sala de aula, assim elas terão maior fundamentação e significação.

Esse papel social do professor de influenciar e gerar hábitos nos educandos, para mim, é a parte mais importante da profissão docente. Influenciar positivamente na vida dos alunos tem o poder de pouco a pouco mudar a cultura de gerações inteiras. Mas, devemos entender que influenciemos pelo exemplo. Por isso, é de extrema importância a busca constante dos professores, em especial os de arte, por experiências novas.

Desse modo, percebemos durante essa pesquisa que é inquestionável o papel social, educacional e cultural das escolas e dos museus e o quanto os dois âmbitos do aprendizado se complementam. Assim, com intuito de valorizar os museus, trago a seguir uma proposta de formação continuada que visa sensibilizar

os professores de arte da cidade de Içara/SC para a visita aos espaços culturais e museais da região.

### 5.1 PROPOSTA DE CURSO

**Título:** Ir a museus? Porque não!?

**Ementa:** Importância da visita a museus, apreciação estética, ampliação de repertório artístico-cultural através de vivências.

**Carga Horária:** 25h/a

**Público-alvo:** Professores de arte da rede municipal de Içara/SC

#### **Justificativa:**

Conforme o exposto ao longo deste trabalho, são inúmeras as experiências estéticas, artísticas e culturais adquiridas pelo sujeito, através da visita a museus e torna-se quase que inquestionável os ganhos que as visitas proporcionam.

Leite e Ostetto (2005, p. 23) afirmam que:

O acesso aos bens culturais é o meio de sensibilização pessoal que possibilita, ao sujeito, apropriar-se de múltiplas linguagens, tornando-o mais aberto a relação com o outro, favorecendo a percepção de identidade e alteridade.

Partindo desse pressuposto e percebendo, durante essa investigação, as dificuldades e necessidades dos professores em relação à visita a museus, proponho um projeto de curso, que em concordância com o problema inicial, visa estimular a visita aos espaços museais em geral.

O projeto objetiva proporcionar aos professores oportunidades de conhecer e vivenciar os benefícios oferecidos pela visita a museus tendo como foco a construção do conhecimento sensível do sujeito e a valorização de momentos de experiência estética e formação cultural.

Leite (2008, p. 57) afirma que

Formação cultural é toda e qualquer possibilidade de apropriação nas diferentes esferas da cultura: arte, literatura, folclore, arquitetura, artesanato, dentre tantos outros aspectos e dimensões. Traduz-se pela possibilidade de construção de conhecimento no âmbito artístico cultural, os de dimensão estética e poética, ligados à Arte em suas expressões literárias, visuais,

teatrais, musicais ou corporais, disponíveis hoje e construídos ao longo da história da humanidade.

Baseado nisso, a ideia surgiu da necessidade de mostrar e significar o espaço museal aos professores de arte, para que a partir de uma experiência própria eles se sintam estimulados a proporcionar o mesmo tipo de vivência aos seus alunos, ampliando o seu olhar e sucessivamente o seu repertório artístico-cultural.

**Objetivo Geral:** Proporcionar aos docentes da cidade de Içara/SC formação continuada que oportunize conhecer e vivenciar os benefícios proporcionados pela visita a museus, tendo como foco a construção do conhecimento sensível, a ampliação de repertório artístico-cultural e a valorização de experiências estéticas.

**Objetivos Específicos:**

- ✓ Reconhecer os museus como espaços de educação, cultura e lazer;
- ✓ Estimular as diferentes formas de apreciação estética na vida cotidiana;
- ✓ Desenvolver e realizar uma viagem de turismo cultural para os professores da rede municipal de ensino da cidade de Içara/SC;
- ✓ Criar a partir de fotografias da visita e de referencial teórico material apreciativo que evidencie os principais pontos positivos da visita aos espaços museais;

**Metodologia:**

Encontros	Horário	Carga Horária	Proposições
1 <sup>a</sup>	18h às 22h	4h/a	Encontro teórico, a partir de vídeos, leitura e discussão de textos, mostrando de maneira poética e divertida a importância dos museus na educação e da apreciação estética na vida docente do professor de arte.
2 <sup>a</sup>	18h às 22h	4h/a	Encontro teórico preparatório para a viagem de turismo cultural, visando

			apresentar previamente os lugares a serem visitados
3 <sup>a</sup>	08h às 17h	9h/a	Visita mediada aos espaços museais e culturais da cidade de Florianópolis/SC e produção de registro fotográfico da experiência.
4 <sup>a</sup>	18h às 22h	4h/a	Encontro prático para construção de slides apreciativos contendo as imagens (fotografias) e citações que evidenciem a importância da visita aos espaços culturais e museais, que poderão ser usados posteriormente em sala de aula com os alunos.
5 <sup>a</sup>	18h às 22h	4h/a	Troca de experiências através de seminário e apreciação dos slides produzidos pelos professores. Socialização do material e encerramento.

**Referência:**

LEITE, Maria Isabel. Experiência estética e formação cultural: discutindo o papel da cidade e de seus equipamentos culturais. In : OLIVEIRA, Sandra Ramalho e ; MAKOWIECK, Sandra (Orgs). **Ensaio em torno da Arte**. Chapecó: Argos, 2008. p.55 -74

LEITE, Maria Isabel F. Pereira; OSTETTO, Luciana E. . **Museu, educação e cultura**: encontros de crianças e professores com arte. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desse trabalho retomo aos objetivos, que envolveram a compreensão dos mecanismos que dificultam ou promovem as visitas de professores e escolas aos espaços museais da região, realizando levantamento bibliográfico sobre o ensino da arte e o espaço educativo dos museus; a fim de identificar por meio da pesquisa de campo porque os professores de arte visitam pouco os museus; relacionando os dados da pesquisa de campo com a fundamentação teórica e analisando quais dificuldades e contribuições a visita ao espaço museal traz ao ensino da arte. Dessa maneira, retomo, também, o meu problema inicial: os professores de arte do município de Içara reconhecem os museus como instituições culturais que contribuem na formação cultural e na aprendizagem do aluno?

Nesse sentido, respaldada nos teóricos aqui citados percebo o quanto a visita a espaços museais e culturais contribuem para nossa formação. Não só na formação docente, mas também em nossa história como sujeitos da cultura e produzidos por ela. Frequentar espaços culturais e museais é, na maioria das vezes, gratuito. É divertido e fundamental!

Conhecer novas histórias, novos objetos, novas pessoas faz de nós pessoas mais completas. Uma bagagem cultural diversificada só vem acrescentar a formação de sujeitos pensantes, críticos e autônomos. Como já comentei anteriormente, nós apenas precisamos nos dar tempo. De ver, ouvir, apreciar, fruir, aprender e crescer!

Após análise dos dados coletados, com oito professores da rede municipal de ensino de Içara, percebi que os mesmos visitam os museus menos do que gostariam e/ou poderiam. Conseqüentemente a visita das turmas, que esses professores lecionam, também acontece em sua maioria, uma vez ao ano, o que me leva a acreditar que boa parte dos professores entrevistados visita os museus apenas quando levam os seus alunos. Assim, essa parcela de professores pode até reconhecer os museus como instituições culturais que contribuem na formação cultural e na aprendizagem dos seus alunos. Mas, não driblam as dificuldades encontradas para oferecer aos seus alunos essa oportunidade.

Entretanto, não podemos esquecer que o professor é o principal mediador dos conhecimentos aos alunos. Por isso, o professor deve alimentar-se de

experiências que levem os seus alunos a terem uma nutrição estética, cultural e artística. Nutrição essa, que a maioria dos alunos terá acesso apenas através da escola.

A escola é um espaço influenciador, e nós como professores de arte temos a importante responsabilidade de influenciar nossos alunos e conseqüentemente suas famílias e comunidades a hábitos culturais constantes.

Quando as visitas acontecem geralmente são vinculadas a algum conteúdo estabelecido pelo currículo, o que muitas vezes enfatiza a escolarização do museu. É necessário entender que o museu é um aliado da escola e dos professores, não só de artes, mas também de história, geografia, português, entre outros. Porém, museus também são espaços de lazer que funcionam independente das escolas. Museus são lugares de entretenimento que podem ser visitados por grupos de turistas, amigos, em famílias, com o cônjuge ou sozinho. Museus são espaços de cultura e lazer, que nos fornecem entretenimento, prazer, diversão e cultura.

Sobre a tipologia dos museus, os professores, em sua maioria, associam os museus como um lugar que abriga o passado, fazendo disso a motivação para a visita a espaços museais e repassando esse pensamento aos alunos. Enquanto esse pensamento for transmitido teremos museus pouco frequentados ou com visitas vinculadas, em sua maioria, as escolas.

Revela-se nessa pesquisa a imensa necessidade de uma formação continuada na carreira docente, objetivando a incessante busca pelo aperfeiçoamento contínuo. Mais uma vez, retornamos ao pensamento de que não podemos dar o que não temos e é extremamente necessário o ensino pelo exemplo.

Nesse sentido, visando contribuir com a realidade pesquisada, fica registrada aqui uma proposição de formação continuada que poderá ser o princípio do despertar dos professores de arte da rede municipal de ensino de Içara/SC para as ricas contribuições que os espaços museais e culturais poderão trazer para a vida e formação dos que se abrirem para apreciação estética e a ampliação de repertório cultural.

Sabemos que os professores encontram inúmeras dificuldades até que a visita aconteça, o principal deles é depender do transporte oferecido pelos órgãos e gestores, por exemplo, para poderem se locomover até os museus. Também sabemos que é preciso cumprir um calendário escolar e dar conta de todos os

conteúdos programados e que muitas vezes as visitas são vistas como “matação de aula” ou perda de tempo. Sem falar, na falta de transporte adaptado que acomode bem todos os envolvidos e a distância dos espaços museais e culturais a serem visitados.

As próprias instituições museais têm dificuldades, como a falta de políticas públicas de valorização aos museus, que às vezes dispõem de condições mínimas de trabalho, da falta de profissionais e de capacitação.

Nós, como visitantes, independentes da escola também temos dificuldades de driblarmos os afazeres e a correria das muitas jornadas do nosso dia a dia para nos entregarmos a uma visita. Mas, mesmo com as dificuldades, tenho certeza que os ganhos valem a pena e aos que se deixarem influenciar positivamente pelos museus, nascerá ali um encantamento, um hábito e quem sabe novas pesquisas acerca desse assunto tão pertinente e atual.

Deixo registrado aqui também a minha opinião sobre a necessidade de uma política de fortalecimento cultural na cidade de Içara/SC. É preciso repensar o turismo na cidade, incluindo nele roteiros artísticos e culturais. Se a cidade tem museus porque não colocá-los na rota do turismo da cidade? Porque não valorizá-los?

A criação de um bom flyer informativo (apoio das leis de incentivo a cultura) sobre os museus e o turismo em geral na cidade ajudaria a atrair visitantes, desvinculado necessariamente à visita da escola.

Vários questionamentos ainda ficam sem respostas: quais as políticas e atitudes os museus tem tomado para conquistar o seu público? Como poderíamos melhorar o relacionamento entre museus e escolas? Como as prefeituras e demais órgãos poderiam apoiar os professores no sentido de facilitar e estimular as visitas aos museus?

Assim, finalizo essa pesquisa com a certeza de que a problemática não se finda aqui, ao contrário suscita ainda mais questionamentos e discussões sobre o ensino da arte e a visita aos museus.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana Mortara. Desafios da relação museu-escola. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 10, n., p.50-56, 1997. Trimestral.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando – introdução à filosofia**. São Paulo: Moderna, 1993.

ARGOLO, Gabriela Salles. Olhares e saberes do encontro com a arte. In: LEITE, Maria Isabel F. Pereira; OSTETTO, Luciana E. . **Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com arte**. Campinas, SP: Papirus, 2005. p: 73-84

BRASIL, Ministério da Educação Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Arte**. 2.ed Brasília: DP&A, 1997.

BRASIL. **Política Nacional de Museus**. Brasília: MinC, 2007.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed Porto Alegre: Artmed, 2007.

COLI, Jorge. O que é arte. São Paulo: Brasiliense, 2002.

FELDHHAUS, Marcelo. **O serviço educativo do espaço cultural unesc toque de arte: um estudo de caso**. 2004. 79 f. Tcc (Graduação) – Curso de Artes Visuais Licenciatura, Departamento de Artes Visuais, Unesc, Criciúma, 2004.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003. 126 p

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história dos museus. In: Caderno de Diretrizes Museológicas 1, Superintendência de Museus/ Secretaria de Cultura de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006 p. 20 em: [http://www.cultura.mg.gov.br/arquivos/Museus/File/caderno-diretrizes/cadernodiretrizes\\_segundaparte.pdf](http://www.cultura.mg.gov.br/arquivos/Museus/File/caderno-diretrizes/cadernodiretrizes_segundaparte.pdf)

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. 116 p

LEITE, Maria Isabel F. Pereira; OSTETTO, Luciana E. . **Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com arte**. Campinas, SP: Papirus, 2005

LEITE, Maria Isabel. Experiência estética e formação cultural: discutindo o papel da cidade e de seus equipamentos culturais. In : OLIVEIRA, Sandra Ramalho e ; MAKOWIECK, Sandra (Orgs). **Ensaio em torno da Arte**. Chapecó: Argos,2006. p.55 -74

LEITE, Maria Isabel. Educação e as Linguagens artístico-culturais: processos de apropriação/fruição e de produção/criação.In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine.

(orgs.) **Educação e Arte**: as linguagens artísticas na formação humana. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte**: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

MARANDINO, M. (2001). **Interfaces na relação museu-escola**. Disponível em: [http://www.geenf.fe.usp.br/conteudo/arquivo/Interfaces\\_na\\_relacao\\_museu\\_escola.PDF](http://www.geenf.fe.usp.br/conteudo/arquivo/Interfaces_na_relacao_museu_escola.PDF). Acesso em: 22 de maio de 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MOREIRA, Gilberto Passos Gil. **Política Nacional de Museus**: Relatório de gestão 2003/2004. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Departamento de Museus e Centros Culturais. Brasília: MINC/IPHAN/Demo, 2005.

NASCIMENTO JR, José do; CHAGAS, Mário. Museu e política: Apontamentos de uma cartografia. In: Caderno de Diretrizes Museológicas 1, Superintendência de Museus/Secretaria de Cultura de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006 p. 20 em: [http://www.cultura.mg.gov.br/arquivos/Museus/File/caderno-diretrizes/cadernodiretrizes\\_segundaparte.pdf](http://www.cultura.mg.gov.br/arquivos/Museus/File/caderno-diretrizes/cadernodiretrizes_segundaparte.pdf)

PAVEI, Maria de Fátima Silveira. **Além dos trilhos do trem**: 1961-2011: 50 anos de emancipação política de Içara. Içara: Ed. do Autor, 2011. 328 p.

REDDIG, Amalheine Baesso. **A infância representada nos espaços museais de Santa Catarina**: reflexões sobre educação, identidade cultural, museus, arte e infância. 2007. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação – PPGE - Mestrado em Educação, Unesc, Criciúma, 2007.

ROJAS, Robert. **Os museus do mundo**: passado e presente dos museus. Lisboa: Publicações Alfa, 1979.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa**: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SANTOS, José Luis dos. **O que é Cultura**. 6ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. **Museu e comunidade**: uma relação necessária. 13ª Reunião Anual do Instituto Biológico. São Paulo. 6-11 de Nov. de 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Alienígenas na sala de aula**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. 243 p.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte**: um paralelo entre arte e ciência. 3. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2006.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A – Questionário:****UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC****CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA****PESQUISADORA: GABRIELA ADRIANO LUCIANO****ORIENTADOR: PROF.MARCELO FELDHAUS**

Venho, por meio deste, solicitar a sua colaboração no sentido de preencher os questionamentos abaixo. Suas respostas serão utilizadas em minha pesquisa, que faz parte do trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

1 – Qual o seu nome, idade e formação?

---

---

---

---

2 – Com que frequência você costuma visitar os museus da região?

---

---

---

---

3 – Aproximadamente, quando foi sua última visita a um museu?

---

---

---

---

4 – E os seus alunos? Com que frequência você costuma levar suas turmas aos museus?

---

---

---

5 – Que tipo de museus você prefere visitar? (Arte/histórico/geográfico/documental e/ou outro)

---

---

---

---

6 – O que te motiva a visitar os museus?

---

---

---

---

7 – Com que intenção você leva seus alunos a museus?

---

---

---

---

8 – Qual o nome que você gostaria que fosse utilizado na transcrição das respostas em minha pesquisa?

---

---

---

---

**AUTORIZAÇÃO**

Eu,.....  
..... RG.....(número da identidade), estou ciente dos objetivos da pesquisa que apresenta como problema **Os professores de arte da rede municipal de ensino de Içara reconhecem os museus como Instituições que contribuem na formação cultural e na aprendizagem de seus alunos?**. Autorizo assim, a acadêmica **Gabriela Adriano Luciano** sob orientação do Prof. Mndo. Marcelo Feldhaus a fazer uso de minha escrita no material que será publicado e exposto como resultado da pesquisa. Lembro ainda que a pesquisa faz parte do trabalho

de Conclusão de Curso para obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Atenciosamente,

---

Assinatura do participante

Criciúma, ..... de ..... de 2012.